



DOI: 10.30681/issn23163933v29n02/2020p521-529

RESENHA

**SOB OS MEUS OLHOS, OUTROS OLHOS QUE ME OLHAM NAS
NARRATIVAS DE BAÚ DE PECADOS, DE AGNALDO RODRIGUES DA
SILVA**

**UNDER MY EYES, OTHER EYES THAT LOOK AT ME IN THE
NARRATIVES OF BAÚ DE PECADOS, BY AGNALDO RODRIGUES DA
SILVA**

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira¹

Silva, Agnaldo Rodrigues. **Baú de Pecados**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

Disse ao autor, Agnaldo Rodrigues, no momento em que me presenteou com o livro - *Baú de Pecados* - que estava gozando da *Licença Prêmio* conquistada na Rede Pública de Ensino de Mato Grosso, portanto, que iria degustar cada palavra e, assim o fiz. Porém, como todo processo de degustação vem seguida pela digestão, diversas questões foram dando-me ânsia. Ânasia por entender porque alguns elementos são tão insistentes nas narrativas do autor. Portanto, esse texto constitui-se num olhar livre

¹ Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora da SEDUC/ MT, em Cáceres - MT.





das amarras da obrigação do ler, do analisar e/ou de questões burocráticas que prendem nossa liberdade de dizer, isto mesmo, de dizer, porque o abordar, o explicitar, o apresentar, são termos que já carregam em si, certa forma de imposição.

Li todo o livro de um fôlego, como já havia lido outros contos do autor, fui flagrada pelas imagens de algumas palavras, cito-as: Espelho, sorriso e olhos e, é sobre este último vocábulo que irei narrar algumas imagens, não deixando de ressaltar a importância das outras em suas narrativas, deixa para uma pesquisa mais criteriosa. Destaco que, embora, meu foco, neste momento, seja provocar à leitura do livro *Baú de Pecados* (2020), estas imagens são recorrentes em toda a produção do autor, portanto, vale a pena conferir e debruçar-se sobre a obra completa. Como disse Luciene Carvalho (2020), convido-os “a desalojar os olhos, implodir conceitos pelo ruído” (SILVA, p. 08).

A obra está subdividida em: *Prólogo, Mitos, Mitologias, Lendas e Crenças e Epílogo*. Esta subdivisão não está presente no sumário, portanto, confesso que essa configuração da estrutura da obra deixou-me um pouco intrigada, especialmente, por saber que prólogo, no teatro grego, significava uma espécie de monólogo criado pela personagem e apresentado a plateia antes da encenação da peça, para entendimento do público sobre partes importantes do enredo. Além disso, o epílogo funcionava como um desfecho da história, uma finalização da narrativa. Portanto, se considerarmos que tratam-se de contos não se trata de um



organização de estrutura casual. E, para aprofundar o imbróglio, o prólogo leva o subtítulo Sodoma e o epílogo Gomorra²

Alerto que considerarei uma conversa informal com o poeta Manoel de Barros em 2010 que resultou na minha dissertação de mestrado e, posteriormente no livro: *Educação Ambiental e Manoel de Barros: diálogos poéticos*³, momento em que o poeta me disse: “se quiser me conhecer mesmo, procure-me entre minhas poesias, estou lá em dois: o primeiro de unha, roupa, chapéu e vaidade; e o segundo, de letras, sílabas, vaidades e frases”. Ao lembrar-me desse episódio, meus olhos levaram-me rapidamente às outras leituras das obras do contista Agnaldo Rodrigues e fizeram ressaltar às seguintes imagens do livro *Baú de pecados* (2020):

[...] sem defeito identificável pelos **olhos dos deuses**;
 [...] **olhou para o objeto** e se lembrou de que ele era encantado;
 [...] **olhou a ampulheta**, observou a fina areia que caía;
 [...] **Adão olhou-a com autoridade** e sentiu nela fragilidade. Ela olhou para ele com resignação;
 [...] **Os olhos parados** no tempo;
 [...] **Os olhos de Lilith** ficaram prenhes e futuro;
 [...] **Fechou os olhos** por alguns segundos e, lentamente os abriu;
 [...] **Tinham os olhos maiores que a boca**;
 [...] **botaram olhos nas suas posses**;
 [...] **passeou os olhos pela casa**;
 [...] **Fixou os olhos na guilhotina**;
 [...] **Olhou-se**.
 [...] apenas **abaixou os olhos**. [...] **Ela olhou as horas**;

² [...] está escrito no livro de Gênesis, capítulo 19, do Velho Testamento, as cidades de Sodoma e Gomorra, localizadas no vale de Sidim, próximo ao mar Morto, no Oriente Médio, teriam sido "varridas" do mapa por Deus devido ao comportamento pecaminoso de seus moradores. In: <https://www.revistaencontro.com.br/canal/internacional/2018/11/descoberta-a-cao-da-destruicao-de-sodoma-e-gomorra.html> Acesso: 03/07/2020 às 15h59.

³ OLIVEIRA, Elizabete. *A educação ambiental e Manoel de Barros: Diálogos poéticos*. São Paulo: Paulinas, 2012.



- [...] alisando-as **com as mãos e os olhos**.
 [...] abriu a janela do quarto, **olhou para** cima, contemplou o céu;
 [...] Passeava de loja em loja, **olhava as roupas**;
 [...] Pensou por instantes. **Olhou de um lado para outro**, analisou todo o espaço;
 [...] **fechou os olhos** e lembrou daquele céu azul;
 [...] Abriu **os olhos e mirou o espelho**;
 [...] **Olhou as horas**, lembrou-se de que deveria voltar para casa;
 [...] **com olhar firme e penetrante**;
 [...] **Aurora abriu os olhos**, o relógio fixada na parede marcava a meia-noite;
 [...] **O olhar**;
 [...] **fechou os olhos** e deixou cair a vasilha;
 [...] **os olhos são espelhos** da alma;
 [...] **olhou novamente** para o espelho;
 [...] **olhou novamente para o espelho** e, desta vez, percebeu que os ponteiros estavam parados;
 [...] uma lágrima **desceu por um dos olhos**;
 [...] **olhou fixamente o espelho** e gargalhou;
 [...] retirou as compras das sacolas. **Olhou o relógio**;
 [...] **com olhar de delírios**, observou os pratos saborosos;
 [...] **fechou os olhos** e sentiu o vazio da imensidão;
 [...] **olhos famintos! Olhos grandes! Olhos gordos!**
 [...] **os olhos sobre a mesa**;
 [...] enxugou as lágrimas e **olhou o relógio na parede**;
 [...] percebeu naqueles **olhos uma nuvem que cegava a razão**;
 [...] **fixou os olhos** por alguns instantes, imaginou a cena, depois **fechou os olhos lentamente e mergulhou naquele tempo**; imaginou-se Eva.
 [...] ‘se eu fosse rica como ela, teria também uma bolsa luxuosa’, pensou, **olhando discretamente para trás**;
 [...] Salomé **era olhada pelos homens**. **Alguns arregalavam os olhos**;
 [...] **Fatal nos olhos**, na boca, no andar;
 [...] Ele apareceu como um toque de mágica **e a olhou diferente**;
 [...] **os olhos de Salomé fixaram-se** no celular da moça;
 [...] **murchou os olhos**. Olhou para ele fixamente;
 [...] **A moça olhou Salomé** como se estivesse diante de uma puta e, **com os olhos, analisou-a de cima a baixo**;
 [...] com **tristeza nos olhos**;
 [...] não **olhou para trás**;
 [...] **Olhos tristes**;
 [...] **os olhos encheram-se de lágrimas**;
 [...] **Olhava-se no espelho** com frequência;
 [...] Narcisa **abriu os olhos**;
 [...] **O olhar para o tempo** permitia ver um tremor no ar;
 [...] **Olhou-se inúmeras vezes** para o espelho e se sentiu grandiosa.
 [...] Caminhou até a janela, **olhou o cair do sol**;





- [...] fez **gerar lágrimas nos olhos**, mas não podia chorar;
- [...] Permeou os **olhos pelo espaço**;
- [...] **Olhou para a multidão** e sentiu grande a solidão;
- [...] **Olhou para os lados**, ninguém a observava;
- [...] **O olhar entristecido** do deus fez a pitonisa lembrar-se dos tempos difíceis que a humanidade enfrentaria;
- [...] **ela enxergava com os olhos da alma** aqueles **olhos famintos de futuro**;
- [...] **travou os olhos mais uma vez** para obstruir as visões;
- [...] As visões foram cessando e, em soluços, **com os olhos parados no tempo**, Cassandra colocou um ponto final naquela premonição;
- [...] A estrela, ela está caindo. **Olhe! Rápido!**
- [...] ela diz que devemos fazer um pedido **de olhos fechados**;
- [...] A velha... **olhou para elas e pronunciou palavras estranhas**, incompreensíveis;
- [...] uma estrela cadente riscou o azul anoitecido, **então ela fechou os olhos**;
- [...] **os cantos dos olhos**;
- [...] **Olhando no fundo dos próprios olhos**;
- [...] Disse que toda noite **o casal deveria olhar para o céu**;
- [...] **Os olhos dela foram se fechando**, gradativamente;
- [...] **era só olhar para o céu** que se lembravam da história das Marias;
- [...] **Arregalou os olhos e assustado**, viu esvair aquela embarcação;
- [...] **Olhou o relógio**. O tempo passara rapidamente;
- [...] Os menores ficavam sempre assustados, **com os olhinhos arregalados**;
- [...] **Olhou o relógio**, coçou o queixo como era de costume quando ficava em dúvida, de ombros;
- [...] **com os olhos fixos**, ela trincou o silêncio com voz imperativa;
- [...] **os olhos da vovó** encheram-se de lágrimas;
- [...] **Abri os olhos, olhei no relógio, era meia-noite**;
- [...] **Olhei para trás** e, ao longe, vi surgir alguém. **Firmei os olhos** e percebi que era uma idosa;
- [...] **Sempre o mesmo estilo, olhar**, sorriso e jeito de conversar.

Particularmente, penso que as imagens supramencionadas preenchem as narrativas de encantamentos porque permitem às imagens do espelho presente na metáfora do olhar.⁴ Apesar de inúmeras críticas já recebidas sobre a utilização do dicionário de símbolos, de Chevalier e

⁴ Lembrando que metáfora “é o processo retórico pelo qual o discurso libera o poder que algumas ficções tem de redescrever a realidade”. RICOUER, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.



Gheerbrant (2015)⁵, retorno a eles quando trazem a seguinte definição do olho:

O olho, órgão da percepção visual, é, de modo natural e quase universal, o símbolo da percepção intelectual. É preciso considerar, sucessivamente, o olho físico, na sua função de recepção de luz; o olho frontal – o terceiro olho de **Xiva**; enfim o olho do coração. Todos os três recebem a luz espiritual. [...] Por isso, metaforicamente, o olho pode abranger as noções de beleza, luz, mundo, universo, vida (grifo dos autores, p. 653-656).

O livro *A metáfora do olhar* (2018)⁶, do autor Isaac Ramos apresenta uma perspectiva crítica sobre a lírica moderna, porém, recorro a ele, especialmente ao dizer que “a modernidade não segue um paradigma. É mais um conceito. Não é um estilo de arte e reflete sobre o objeto artístico. É uma visão de mundo, fronteira de um espaço imagético atemporal” (2018, p. 13). Além disso, destaca que a modernidade faz-se no

jogo de espelhos e imagens contra-imagens que se assemelham ao diafragma das primeiras máquinas fotográficas. É um estar se refletindo num fazer *com*. Grito de rebeldia auto/desautomatizado. É um ideal estético cosmopolitano (Ibidem).

Com isto sendo dito, as narrativas de Agnaldo Silva desaloja-me, leva-me a movimentar alguns saberes e conhecimentos que, até então, estavam alojados no esquecimento, mas que pela via da memória retornam

⁵ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

⁶ RAMOS, Isaac. **A metáfora do olhar**: Alberto Caiero e Manoel de Barros. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2018.



com ecos de presente. Entre eles cito: o Trabalho de Conclusão de Curso/TCC – Graduação em Letras, sobre os contos de fadas, com estudos voltados à produção de Bruno Bettelheim, com a professora Olga Maria Castrillon Mendes, pesquisadora e estudiosa da literatura escrita em Mato Grosso e algumas leituras sobre a mitologia grega, também, durante a graduação e a pós-graduação em Letras, na Universidade do Estado de Mato Grosso.

O desalojamento dessas memórias faz-me retornar ao olhar encantador do narrador de *Báu de Pecados* (2020), porque permite observar a atemporalidade entre o passado, o presente e o futuro, em cenas que se articulam no mundo ficcional e nos oferecem outras imagens e/ou as mesmas imagens com outras roupagens, as quais embriagam e criam desvarios ao olhar às narrativas porque apresentam, também, singularidades do *locus enunciativo*, presentes na última parte da obra. O narrador nos conduz às inter-relações recheadas de pecados humanos elaboradas na perspicácia de um criador que conhece os liames não apenas da literatura, mas do teatro da vida, como disse Olga Maria Castrillon-Mendes (2020).

Se fosse uma análise crítica poderia enveredar às inúmeras imagens evocadas a partir do *olho* e que reverberam efígies prenes de sentidos, pois os olhos adotam perspectivas diferentes a partir do jogo criado com as figuras de linguagem e, muitas vezes, da substantivação do verbo. Além disso, poderia também caminhar pelos apontamentos do narrador aos elos da memória que conectam os tempos, como já



mencionado. Como diria Antonio Candido (2014)⁷, o narrador nos leva a viver a própria existência por meio da experiência dele (embora negue) e das personagens, ao apresentá-las fragmentadas e incompletas, apresentam problematizações imanentes à trajetória da vida, com a diferença que na narrativa estão previamente organizadas.

A quebra de padrões é outro aspecto significativo nos contos, especialmente na lógica organizada em torno da figura feminina, uma dessacralização que acontece a partir de olhares múltiplos sobre o papel desenvolvido pela mulher nos diversos âmbitos da sua existência, entre o profano e o sagrado e que, por sua vez, ultrapassam os limites da realidade. Com isto, chamo a atenção de pesquisadores e dos estudiosos para debruçar-se, também, sobre a perspectiva da mulher com as personagens femininas de Agnaldo Rodrigues, aprofundando nas questões da existência humana que fogem às regras convencionais, de forma a enveredar pelo olhar estético e contributivo da arte. Ao trazer este aspecto ressaltado, o diálogo existente nas narrativas com outros cenários: a arte plástica, a fotografia, o teatro, a música. Trata-se de uma simbiose de elementos coesos que mostram o quão instável é a linearidade criada sobre as coisas do mundo.

A retomada aos mitos de origem levou-me à reflexão de que o autor ao olhar a realidade incomoda-se com o já existente e, assim busca no passado outras realizações para o presente. Esta mirada estética e avassaladora, exhibe como a história e/ou a filosofia, transformam-se em

⁷ CANDIDO, Antonio (et al.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014



narrativas literárias, sem perder a originalidade de cada uma e, ao mesmo tempo, ganha uma potencialidade estética, muitas vezes, impressionante e peculiar. É como se o autor jogasse uma granada em campos de conhecimentos que, parecem à primeira vista, estáveis. É, deste modo, que o narrador enreda-me, incomoda-me e alfineta o meu cérebro à busca de outras configurações. Neste sentido, recorro a Paul Ricoeur (2010)⁸, quando disse que, “o texto é como uma partitura musical, suscetível de diferentes execuções”.

Estamos todos perdidos, “presos neste baú”, que não é do Agnaldo Rodrigues, mas de todos nós e, infelizmente, talvez, castigados pelos pecados. Abrimos há tempo, o *Baú de Pecados* “um lugar pagão, habitado por desregrados do sexo, depravados, torturadores por excelência de corpos humanos para obtenção do prazer” (SILVA, 2020, p.96). Tudo culpa de Pandora! E, condenados, estamos todos nós, pecadores, impedidos de entrar no Olimpo. De acordo com Rubem Alves⁹, ao mencionar Nietzsche e Guimarães Rosa, “Quem lê bebe o sangue de quem escreveu. O ritual da leitura é, como a eucaristia, uma refeição antropofágica”. A obra agnaldiana nos conduz ao saber pela metáfora sedutora da maçã, do sabor do desconhecido que é tentador, inebriante e, Alves (2014, p. 60) ainda ressalta que, “sabores são inefáveis”, tanto quanto o prazer e, portanto, repletos de mistérios e de ardências diversas.

⁸ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: o tempo narrado. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

⁹ ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Planeta, 2014.